A propósito da exposição Tape que aconteceu nas comemorações dos 10 anos do darq, seguem-se algumas considerações específicas e outras mais gerais

Autor(es): Borges, Pedro Maurício
Publicado por: Editorial do Departamento de Arquitectura
URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/37428>
DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/0874-6168_2_1
Accessed : 26-Apr-2023 02:09:45

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

ecdj

2

fcuc | departamento de arquitectura

10 anos de arquitectura no colégio das artes

construir uma escola

tape

encontros de tomar 4

alexandre alves costa vs gonçalo byrne

paulo mendes da rocha

março 2000

[a propósito da exposição tape, que aconteceu nas comemorações dos 10 anos do darq, seguem-se algumas considerações específicas e outras, mais gerais]

pedro maurício borges

- (1) "... é claro que o espetáculo é a linguagem, a própria comunicabilidade ou o ser linguístico do homem", em Giorgio Agamben, *A comunidade que vem* (1990), Editorial Presença, 1993, p.62.
- (2) Noção derivada do "espaço dos possíveis" de Bourdieu. Ver a 3ª parte "Por uma ciência das obras" de Pierre Bourdieu, *Razões Práticas, sobre a teoria da ação*. Celta Editora, 1997.
- (3) "Tafuri tinha já afirmado (nos anos 60) que a crise da sociedade e do papel do intelectual não se podia evitar refugiando-se na tradição, e que as tentativas de enraizamento na história da arquitetura eram uma mistificação profunda da tradição.
- (4) G. Deleuze, *Pourparlers*, Les Éditions de Minuit, 1990, p.239, tradução minha.
- (5) Ver "La esfera y el laberinto" (1982), Gustavo Gili, 1984, quando Tafuri aborda a produção do Peter Eisenman, p.436.
- (6) G. Deleuze, obra citada.
- (7) Ver Pierre Bourdieu, obra citada.
- (8) Sabermos como a história é feita a partir do futuro que pretendemos legitimar.
- (9) Ver artigo de Ana Paula Ramos "As profissões do futuro", *Máxima* nº 136, Janeiro 2000, pp.55-57.

TAKE 1: expôr/comunicar

- > Plantas, cortes e alçados a 'zero-treze' são as ferramentas de comunicação da maioria dos alunos. Na sua frieza e rigor do tipo 'quanto mais fino, mais verdadeiro', estes desenhos quando intentam ser o mais possível objectivos e sérios, estão na realidade, e com alguma ânsia, à procura de um outro destino de signos cabalísticos, textos indecifráveis. O hermetismo elegante do desenho, o seu poder de abstracção, dá a medida do desenvolvimento do aluno: quanto mais cifrada a representação, mais complexo e sofisticado será o projecto... Soterrado por *layers* de 'informação' perde-se o projecto, mas ganham-se desenhos de segura inteligência e cultura gráficas: grande densidade localizada de signos com pausa lateral, longa e grave (como uma partitura de Messiaen), ou a rarefacção concentrada (como o amor em Duras); os tracejados, quantos mais melhor (são como as reticências do Céline)... O prazer está aqui, nesta percepção distraída e deslocante, própria dos tempos, mas também induzida pela retórica do desenho. Com estas *maneiras* a escrita da arquitectura, plantas e cortes, já em si de exigente leitura, torna-se silêncio insignificante. Estes desenhos são no seu narcisismo a alienação da própria comunicação.
- > É importante não confundir o sentido dos 'rigorosos': plantas e cortes são instrumentos de desenho necessários para através deles fixarmos a geometria medida do projecto. Claro que os utilizamos justamente para comunicarmos as relações internas dessas medidas, mas isso não é 'mostrar' o projecto: é apenas uma parte da sua 'explicação'. Os desenhos dos arquitectos dos anos 50-60 informavam normalmente dos materiais de acabamento e mostravam esse primeiro indício do habitar que é 'mobilar a casa'. Nestes desenhos 'via-se' o projecto, logo a arquitectura.
- > Que é feito da natureza social e comunicativa do homem ?, do seu "ser linguístico" ? A ameaça demonizada dos *media* parece ter na arquitectura um foco de resistência particular. Mesmo quando se expõe ao público raramente considera os leigos, tendo nos seus produtores a audiência privilegiada.
- > A expropriação da linguagem, aspiração última do capitalismo⁽¹⁾, tem aqui uma reacção exemplar; mas na resistência à sua espectacularização a escrita da arquitectura suicida-se.

TAKE 2: a escola, os projectos

- > Se a aquisição do sistema de coordenadas que pode constituir a cultura arquitectónica (com as suas obras exemplares e os seus autores épicos), poderia (e deveria) constituir um 'campo de possibilidades'⁽²⁾ para a produção e investigação dos alunos, verifica-se antes resultar num campo de 'impossibilidade', tal a força dos referentes como limites (do projecto, da linguagem), inviabilizando qualquer transformação, ou mesmo qualquer incursão na estranheza de territórios esquecidos (já tudo foi descoberto), zonas históricas de produção hoje desvalorizadas pela leitura interna da instituição. Do 'campo de possibilidades' à 'casa de reprodução', a escola acaba por utilizar a cultura arquitectónica (os modelos e tipos arquitectónicos) numa estratégia de poder, como se vigiasse a *pureza* da produção dos seus instruendos.

Num tempo de desorientação ideológica sobre um fundo de já longo nihilismo por superar, ou integrar, não é na tradição que resta alguma racionalidade para operar no presente⁽³⁾.

O que resulta do autismo académico é uma "arquitectura sem qualidades", que se esgota em si mesma no jogo permanente de auto-referenciação. É uma arquitectura feita com arquitectura, exclusivamente. Podemos emocionarmo-nos com este tipo de produção quando (exemplarmente) bem feita, mas como aprendizagem para o ofício actual parece-me insuficiente. É precisamente um certo distanciamento ao saber da Arquitectura que (também) é necessário ensinar para se poder vê-la *no* mundo, e não mantê-la isolada na disciplina, no seu território onde as paisagens são sempre brancas.

TAKE 3: formação/acção

- > "Acreditar no mundo é o que mais nos falta; nós perdemos completamente o mundo, desapossaram-nos dele"⁽⁴⁾.
- > Sem a contaminação implícita ao habitar e construir, a arquitectura escolar tende a iludir o real, ou não fosse a escola inventada exactamente para separar o tempo de formação do tempo de acção: a escola pode assim pré-determinar a acção. Cingindo a acção a modelos e regras disciplinares sem uma forte base auto-crítica, a escola arrisca-se a que os seus formandos nada aprendam *a posteriori* quando já agentes sobre o real. Os atritos e inércia do mundo são também produtores de desenho com a sua legitimidade. Se os arquitectos se querem especialistas desse desenho, então será melhor reconhecê-los e integrá-los. (Ou mesmo deixar o mundo colonizar a arquitectura, e não o contrário.) É moralmente obrigatório ensinar a aprender.
- > A única e verdadeira razão para prolongar o tempo de escola é adiar a entrada no mercado de trabalho. A verdadeira escola, já sabemos, continua a ser a da vida.

TAKE 4: arquitectura de papel

- > Se a escola se localiza fora do mundo, se não pode senão importar um real simulado para o seu interior, se aceitamos este sistema (suspeitamos-lhe a obsolescência mas não lhe vislumbramos alternativas é isto a pós-modernidade), então só é possível, sem destruir o sistema, questionar a disciplina no seu interior. Os exercícios aparentemente estéreis duma "arquitectura de papel" têm precisamente na sua esterilidade a potência subversiva, ou serão, como afirma Tafuri apesar do antagonismo que lhe suscitam, a única maneira de continuar a fazer arquitectura⁽⁵⁾. "Acreditar no mundo é também suscitar acontecimentos muito pequenos que escapem ao controle (...). É ao nível de cada tentativa que se julga a capacidade de resistência ou, ao contrário, de submissão a um controle"⁽⁶⁾.

TAPE 5: público

- > Este regresso à Disciplina com o reforço modelar do património que uma genealogia selectiva instituiu, para além de inibir novos desenvolvimentos, ou apenas desvios (que seriam necessários), aprofunda o fosso entre os produtores e os utilizadores da arquitectura, a sua incomunicabilidade, uma vez que colocados em 'campos' distintos. A cultura subdivide-se em

micro-cosmos sociais com as suas próprias estruturas e leis, universos separados e incomunicantes na sua hiperespecialização⁽⁷⁾. Se a história das 'formas' e das suas relações, que constitui a razão de ser da Architectura enquanto disciplina sediada numa Universidade, corresponde a uma minoritária produção do espaço físico do homem, se a sua selecção e listagem é seguramente discutível⁽⁸⁾, a autonomia disciplinar resultante não é forçosamente desejável, nem será o domínio do conhecimento disciplinar que legitimará em última instância a obra de arquitectura, a não ser dentro do seu 'campo'. Não necessitamos nós o reconhecimento da arquitectura pelos leigos, pela sociedade em que e para quem trabalhamos, ou impomos a nossa necessidade apenas pela moderna divisão do trabalho? Não queremos nós a prova da *vida* nos espaços que projectamos, ou apenas os verificamos no campo das *formas*?

- > A arquitectura erudita de produção restricta, alienada do mundo da vida, tem o seu consumo no próprio domínio dos seus produtores. É este o preço da sua autonomia: produtores que produzem para produtores, arquitectura para architectos.

TAKE 6: assinar a wallpaper e jantar no Bica do Sapato

- > A Taschen e a publicidade têm feito mais pela divulgação da arquitectura que todas as exposições organizadas dentro da classe profissional. Na lógica do sistema capitalista pós-industrial, mediatizar a arquitectura é fazê-la *existir*, é torná-la *necessária*. Assim, entre o público não-especializado saber e discutir arquitectura, visitá-la e comentá-la, está para uma certa 'cultura geral', como discutir as duas edições originais do *Quixote* de Cervantes e acrescentar a superioridade do *Quixote* de Ménard: é mais do que um fenómeno de moda, porque é Arte. A coleccionar: Le Corbusier ou Palladio, como Caravaggio ou Arp. Também é certo que a arquitectura entrou num certo circuito de consumo cultural na moda. Daí que, uns mais informados que outros, seja sobretudo ao nível da imagem que se trocam os 'cromos'.
- > A arquitectura portuguesa reivindica um lugar pleno entre as corporações que disputam o mercado da construção do desenho do território, reclamando-se duma especialização técnica que sabemos, dum modo geral, não passa de um simulacro. E aí teremos de decidir se queremos técnicos 'competentes', ou se insistimos no factor 'Arte/Técnica' à procura dos super-architectos, artistas inspirados que reescrevem o mundo. Num futuro próximo⁽⁹⁾ uma nova divisão social do trabalho criará um sindicato de especialistas do desenho, separando as duas competências: o criador das imagens e o seu construtor. Aqui, o construtor não será o que constrói, mas o que desenha a construção da imagem, seja em *pixels*, seja em tijolos. E, como sempre, o architecto que congrega os dois saberes será uma espécie ainda mais rara, ao alcance de algumas élites.

ecdj 10-015

TAKE 7: fétiche

- > Porque o seis não me diz nada.